

TEOLOGIA EM MATEUS

Norman K. Bakken

O Evangelho segundo Mateus tem ao todo apenas trinta e nove páginas. Ocupa um espaço não maior do que um breve relato. Mas, ao folhear do começo ao fim este Evangelho uma, duas ou mesmo centenas de vezes, quem denós não sente estar mergulhando num relato de proporções épicas? A narrativa é impressionante. Diálogos e debates conflitivos, discursos elevados e um uso notável de imagens se entrelaçam para causar uma impressão duradoura. É um grande drama. Na verdade, parece bastante obscuro quando nós o lemos e meditamos nele. Nenhum comentário pode substituir a leitura atenciosa do Evangelho, mas precisamos examinar atentamente suas partes, e refletir sobre a totalidade do mesmo, para poder atingir a profundidade de seu objetivo e mensagem.

O evangelista a quem chamamos de Mateus insere tanta coisa em seu evangelho! Ele coloca a seu serviço o esquema de Marcos. Ele incorpora à sua obra nada menos do que seiscentos dos seiscentos e sessenta versículos desta versão anterior. Ele entrelaça as cópias de Marcos com o uso extenso de tradições que compartilha com o escritor de Lucas-Atos, o extrato de material oral ou talvez escrito que os eruditos chamam de fonte "Q". Dificilmente encontramos um parágrafo que não faça citação ou alusão à Bíblia Hebraica. Daí então ele acrescenta algo de especificamente seu mesmo. Mas seria tanto assim? Marcos e João têm apenas algumas palavras a menos. Lucas usa tão somente algumas mais. Portanto, comparados com outras obras de literatura, os evangelhos são meros tratados. A impressão que nos deixam não pode ser atribuída a seu tamanho. Mas o que lhes confere peso, alcance telescópico e qualidade concentrada é seu uso freqüente e generalizado daquilo que os grandes críticos literários da atualidade chamam de "símbolos tensivos".

"Símbolos tensivos", um termo técnico para palavras, frases e narrativas usadas paradigmaticamente, como parábolas ou metáforas, com sentidos profundos. O símbolo tem duas intenções: 1) o literal, o sentido óbvio, e 2) o sentido implícito, analógico.

Isto vale particularmente para Mateus. Peter Ellis relaciona Mt 13.52 com um auto-retrato do evangelista e daquilo que ele realizou. “Entendeste tudo isso?” pergunta Jesus. “Sim”, respondem os discípulos. E então Jesus conclui: “Portanto, todo escriba treinado no reino dos céus é como um pai de família que tira de seu tesouro coisas novas e velhas (1)”. Charles Carlston, de Andover Newton, diz que “... devemos ler Mateus como tradutor, alguém que passa adiante sua tradição, como teólogo, alguém que pensa no que está fazendo e como homem de igreja, alguém que sabe que um círculo mais amplo... será influenciado por aquilo que ele faz (2)”. Tanto no tema do reino de Deus, que aparece repetidas vezes, como no nome Emmanuel, que somente Mateus atribui a Jesus; e tanto num discurso tão extenso como o Sermão da Montanha como nas parábolas individuais, ele insere um sentido profundo. “Pássaros”, “casas” e “rochas”, “pedras” e “peixes”, “joio” e “pão”, “copos de água fria” e “lírios”, “sementes” e “pérolas”, “feixes” e “cofres” tornam-se sinais que indicam um grande drama, enredo intrigante, caracteres, forças dinâmicas, sistemas de valores, tendências, sentenças judiciais – em resumo, sinais da e sobre a vida de qualquer espécie. Eles denotam a luta corpo a corpo das pessoas. Pessoas oprimidas pela busca de um sentido de identificação, direção e sentido diante de uma visão de perda, erro e confusão totais. Elas descrevem muito mais do que podem relatar. Assim encontramos-nos a nós mesmos, depois de ler as palavras e responder ao seu questionante desafio, ouvindo a voz, a Palavra que está por trás de tudo. Sabemos, então, que fazemos bem em sintonizar não somente com as palavras de Mateus, mas também com seus silêncios, com aquilo que não foi ou não pode ser dito, mas que anseia ou exige ser ouvido.

O que eu espero fazer, então, através desta visão geral é apontar para algumas chaves de interpretação de Mateus. Ou melhor, é ouvir e prestar atenção, permanecer silencioso diante da mensagem que ele proclama, tanto através de palavras, quanto do silêncio.

Primeiramente consideramos a estrutura como pista para entender o sentido do Evangelho. A estrutura de Mateus sempre foi objeto de fascínio no comentário de seus intérpretes. Os cinco longos discursos dos caps. 5-7; 10; 13; 18 e 23-25 parecem que foram estruturados segundo a divisão da Torá em cinco partes. O relato faz com que Jesus incorpore em si mesmo a experiência do povo de

(1) ELLIS, Peter F. *Matthew. His Mind and Message*. Collegeville, Minn., Liturgical Press, 1974, p.

4.

(2) *Interpretation*, Richmond, 29 (1): 3, 1975.

Deus. Ele está com José no Egito, com Moisés no monte, com Israel no deserto, com Elias e Eliseu na solidão. Está entre os atribulados, os famintos, as viúvas e os doentes. Também está com Israel, novamente, levado ao cativeiro, aprisionado, julgado, condenado ao exílio, e excluído. Tais idéias, perceptíveis somente em parte pelos modernos comentaristas, oferecem solo fértil para o cristão que busca raízes, que necessita de empatia, e que descobre um caminho entre o sucesso e o fracasso num mundo em que ambos são problemáticos. Voltaremos mais tarde a algumas de suas implicações para os primeiros leitores de Mateus e para nós próprios.

A tarefa atual de análise estrutural ou composição dos evangelhos mostra que Mateus é muito mais detalhado, e portanto muito mais significativo para a interpretação do que imaginávamos no passado. Peter F. Ellis mostra de forma convincente que o evangelista empregou conscientemente uma técnica literária, a qual se esmerou em criar simetria no desenvolvimento do seu esquema. Os discursos encontram um equilíbrio: as sete bênçãos e o conselho para entrar no Reino, em 5-7, são contrabalançados pelas sete maldições e advertências sobre a vinda do Reino, nos capítulos 23-25. O Cap. 10, com o envio dos discípulos, encontra correspondência na recepção aos pequeninos, no capítulo 18. No centro encontramos o capítulo 13. Este discurso se constitui em núcleo central sobre a natureza do reino. Muitos o consideram como o ponto alto do Evangelho. Um exame mais atencioso nos mostrará que os discursos são sistematicamente introduzidos por narrativas. Esta alternância de narrativa e discurso é encaixada para ajudar o leitor a compreender a abordagem ao Evangelho como um todo. A forma é construída nos moldes de uma pirâmide: para o capítulo 13 sobem e dele descem blocos correspondentes em cada lado. Não somente a forma, como também os pensamentos estão balançados e contrabalançados. A mensagem de João Batista, de Jesus e dos discípulos é a mesma: "O Reino dos céus está perto" (3.2; 4.17; 10.7). Mas a nota impressionantemente nova e revelatória imprimida por Mateus é a proclamação de que o reino – o governo soberano de Deus – está presente em Jesus: 1.23"... seu nome será Emmanuel" (Deus conosco); 18.20, "Pois onde dois ou três estão reunidos em meu nome eu estou (ego eimi) no meio deles; "e 28.20"... eis que eu estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos". Cada conclusão de narrativa prepara o cenário para o discurso. E cada discurso conclui com um resumo e uma retomada do tema. A isto chamamos de forma quiástica, e nela encontramos círculos concêntricos de pensamento. Ambos são usados magistralmente para sintonizar as mentes

dos leitores com o coração da mensagem. Toda a vez que desejarmos interpretar um trecho de Mateus – um texto para pregação, um relato para ilustração, ou um pensamento para reflexão – faríamos bem em considerar a localização deste texto, relato ou pensamento em relação com o Evangelho como um todo. Ao fazer isto também seremos capazes de descobrir os textos ou relatos ou pensamentos correspondentes ou sua contrapartida em outro lugar do Evangelho. Isto, por sua vez, nos ajudará a captar a mensagem que percorre cada parte para formar a totalidade.

Consideremos agora a mensagem, as notas centrais do Evangelho. Já mencionamos os versículos principais. “O reino dos céus está perto” é simplesmente a maneira especial de Mateus dizer que Deus está próximo, que o Senhor está presente. Nenhum dos demais evangelhos o expressa exatamente da mesma forma. A palavra “reino”, que ele tem em comum com os demais evangelistas, descreve uma função ativa, não um estado estático. Deus atua: ele reina, julga, e decide a favor ou contra nós e o mundo todo. Sua autoridade e poder são inquestionáveis e inatacáveis. Ele possui o domínio. O evangelista usa a palavra “céus” ao invés de usar “Deus”. Isto ele o faz de acordo com o costume judaico, que é uma observação solene também em outras culturas, entre povos cuja percepção do sagrado os torna incapazes de cair na arrogante presunção de chamar a divindade pelo nome. Para Mateus isto aponta para o Sagrado, aquele que está acima de nós, cujo domínio se estende do Oriente ao Ocidente, do norte ao sul. Ninguém pode se ocultar longe do alcance de seu olhar, assim como ninguém pode viver separado de sua bondade. A esperança de todos os que anseiam por aquilo que é justo, que oram pedindo seu favor e bondade em nome de um mundo que está em profunda necessidade, que anseiam pelo caminho de Deus, um paraíso que reflete a sabedoria e misericórdia celestiais – a esperança de todos os povos, arraigada nas profundidades, é que Deus possa estar presente. Que possamos saber que o santo participa de nosso mundo. Que Deus dirigirá e providenciará um lugar e suprirá nossas necessidades, as necessidades de todos os povos. Tal esperança é expressa no “reino dos céus” de Mateus, com tudo o que esta expressão supõe. Mas o fato mais impressionante que está na base da mensagem de Mateus é simplesmente este: Deus está presente, como sempre esteve entre seu povo. Ele participa de todas as suas alegrias e tristezas. Ele o reergue quando está caído. Ele traz liberdade e vida. Ele o recolhe junto de si mesmo; e esta presença deve ser encontrada em Jesus de Nazaré. Jesus trouxe em si mesmo a lembrança da presença de Deus – Emmanuel. E ele vem a nós agora, assim como veio a seus discípulos. “ “ “ ... Eis que estou

convosco sempre". Deus nunca nos deixa sós. A totalidade do relato de Mateus, – as coisas que diz terem acontecido, e as coisas que diz que foram ensinadas, está construída sobre esta convicção. Deus chegou perto de nós em Jesus, aquele que estava e está conosco.

De que modo ou modos isto acontece?

Quando lemos Mateus, devemos ter em mente que provavelmente esteja escrevendo a cristãos recém-expulsos das sinagogas, lugares de reunião das comunidades dispersas do povo judeu. Eles foram excluídos da participação na identidade da comunidade. A expulsão significativa que, em termos judaicos, nossa história não é vossa história, nosso povo não é vosso povo, nossos líderes, ritos, leis, festas, costumes nada tem a ver convosco. Para os cristãos, especialmente para os de descendência judaica, esta era uma experiência traumática. Ela se repete hoje em dia cada vez que uma pessoa de uma família judaica piedosa casa-se com um pagão. A tradição exige, ou torna intolerável relações íntimas permanentes com tal membro da família.

Portanto, a questão da identidade era algo muito real para os leitores de Mateus. Quem somos nós? Quais são as nossas raízes? Somos simplesmente os excluídos – pecadores, marginais, sem história, sem tradições que possamos chamar de nossas, sem um nome? Mateus começa a responder. Ele lhes oferece um nome: o nome de Jesus.

O que ele diz, na verdade, é isto: o relato de Jesus, aquele que nos confere nossa identidade (veja 28.20), é um relato que abarca e incorpora o relato do povo de Deus. Suas credenciais certamente não são as de um rei e herdeiro. Como Davi, o maior dos reis de Israel, ele não é filho de um rei, nem se coloca a si mesmo na ordem de prioridade mais elevada: de Belém, dentre os rebanhos, o mais moço de seus irmãos, alguém amigo mas ainda estranho à casa real, destinado por Deus através do profeta Samuel a tornar-se rei sobre um povo unido, destruindo seus inimigos, eliminando suas divisões. Como José, o mais moço entre os filhos de seu pai, mas seu favorito, ele é forçado a permanecer no Egito – José, vendido por vinte siclos de prata por seus irmãos mais velhos (como Judá) que sentem ciúme de sua herança. Mas exatamente através deste José a família vem a ser salva. E não apenas a família, mas o próprio Egito, e finalmente o pai é honrado (Gn 37-50). Como Moisés, ele é suscitado para conduzir seu povo no caminho de volta à terra prometida aos pais. É exatamente este o sentido da palavra "conversão". Eles devem se lembrar que povo são, e de onde vieram. Assim Jesus, como Moisés, dá instrução, não de forma

derivada, mas com autoridade. Ele os faz recordar que o reino lhes pertence, que Deus cuida deles e que para aqueles cuja fome é satisfazer a Deus e não a si mesmos, todas as coisas serão providenciadas. Como Israel, ele é tentado no deserto. Ele vence as provas e continua para providenciar o maná exatamente neste lugar distante e desolado. Como Josué, Jesus conduz seu povo mediante o batismo através do Jordão até a terra prometida. Como Elias e Eliseu ele permanece perto da viúva e do órfão, levanta os que estão doentes e mortos, e faz os governantes e reis se lembrarem de onde reside a verdadeira sede da autoridade. Como José, novamente, que foi agarrado e vendido, e como todos os ungidos de Israel, ele sofre. Falsas acusações são levantadas contra ele, ele é levado preso e julgado. Ele é entregue às mãos de estrangeiros. Ele é condenado à morte. Mas como José, que no horizonte da morte de seu pai disse a seus irmãos: "... vocês pretendiam fazer o mal contra mim; mas Deus transformou-o em bem, para fazer com que muitos povos ficassem vivos, como o estão hoje. Portanto, não temais: eu farei provisões para vós e para os vossos filhos". Assim Jesus, que de fato está no lugar de Deus, diz, no horizonte de sua morte: "Não temais, ide dizer a meus irmãos que eu vos precedo na Galiléia, e lá me encontrarão" (28.10; cf. Gn 50.19-21). Jesus assume a identidade entre ele mesmo e o povo de Deus. Mateus, sem dúvida, avança para além disto. Ele vê no mistério de Jesus, tanto passado quanto presente, um movimento que traz a mensagem à sua intenção última: o que ele tem a dizer transcende a lei de Moisés, o que Jesus faz transcende aquilo que se fez anteriormente. Ele passa da exclusividade e provincianismo de Israel enquanto filho de Deus, à universalidade da humanidade (todas as nações, todas as culturas), enquanto filho do Homem. Ele expressa a intencionalidade e ultimacidade do reino de Deus. Aquele que não tinha direito (21.23: "Com que autoridade fazes estas coisas?") agora dá expressão ao direito de Deus.

O relato de Jesus, tal como contado por Mateus, reúne em si a imagem tomada do relato de Israel. Este relato torna-se agora o relato, e daí então a identidade daqueles que conhecem a si mesmos como seus irmãos e irmãs.

Mas quem são os irmãos, irmãs e mãe de Jesus? Quem são os chamados a identificar-se com ele? **Quem pertence de fato à sua família?** A primeira pista disso surge na lista genealógica que identifica o próprio Jesus. Poderíamos dizer muitas coisas sobre a lista de Mateus, quando comparada com a de Lucas. Mas um dos traços mais característicos é a inclusão dos nomes de cinco mulheres, entrelaçados aos de quarenta e dois homens (sete, número sagrado, três vezes duplicado!). Cada uma das mulheres,

sob um ponto de vista patriarcal, traz em si as marcas do fracasso: **Tamar**, que fingia ser prostituta diante de Judá; **Rahab** que era uma prostituta, abrigando os espias de Israel sobre os muros de Jericó; **Rute**, viúva moabita, nem sequer era judia; **Betsabá**, esposa do soldado leal de David, que está fora de casa para lutar a favor de seu rei; e, finalmente, **Maria**, que deve gerar um filho concebido fora do casamento. Estas são as únicas consideradas dignas de menção num Evangelho que diz: “Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores” (9.13). Aquele a quem chamamos de Senhor, Jesus de Nazaré, nasceu de uma mulher grávida, embora não-casada; uma virgem em relação ao cuidado e à compaixão de Deus que não considera os acidentes de nascimento, as reivindicações de status, nem a falta piedosa dos que menosprezam aqueles cujas sortes no mundo os torna vítimas, explorados, escravos, pobres e anônimos. Embora Mateus esteja cheio de parábolas, talvez a mais pesada seja o próprio fato de Jesus sentar-se à mesa com cobradores de impostos e pecadores (9.10-13). O filho de Davi torna-se Senhor de Davi e seu trono não exige escravos para construí-lo (22.42-45). Ele mesmo se torna escravo, entronizando mães, irmãos e irmãs que se encontram deprimidos. Ele ergue seus olhos na direção de uma estrela, por assim dizer. E os sábios a verão como uma estrela de esperança e promessa para aqueles que não têm nenhum motivo de esperar nem uma nem outra. Jesus os convida a uma mesa, à qual virão pessoas do oriente e do ocidente, um banquete para a ovelha perdida, prisioneiros soltos, devedores perdoados, sedentos, famintos, nus, doentes e moribundos. Ele convida o pobre, os pequenos (ex 25.31-46). Por outro lado, os que se recusam a identificar-se com os necessitados – os religiosos, talvez? os respeitados? os justos? os que se consideram ricos independentemente de Deus? – são amaldiçoados (cf Mt 23.13-26). Porque eles deixam de ver a obra de Deus – a criação e preservação da vida integral – longe de cuja misericórdia tudo está perdido.

Um termo favorito para os que são chamados, em Mateus é **oligopistoi** ou **mikropistoi**. Os termos geralmente foram traduzidos por “pessoas de pouca fé”; a nuance de sentido, porém, parece ser melhor apresentada por “poucos crentes” (**oligopistoi**) e “pequenos na fé” **mikropistoi**. Este diminutivo está espalhado por todo o Evangelho (6.30;8.26;14.31;16.8;25.21; e cf 18.3-6,10;19.13;23.11s) e suas implicações são ilustradas de muitas maneiras. “O menor do reino” (11.11; cf Lc 7.28), “a menor das sementes” (13.32), “os pequeninos que crêem em mim” (18.6,10,14), “pequeninos (18.1-4) e “o menor destes” são algumas das formas usadas por Jesus para descrever o maior no reino dos céus.

A possibilidade da grandeza, da realização como ser humano, está com aqueles que se reconhecem como sendo os menores. As bem-aventuranças, as parábolas, os relatos de milagre, as narrativas, os ensinamentos – tudo se combina para confirmar o sentido. Neste sentido, tanto em Mateus quanto em João, Pedro ilustra a possibilidade do pequenino que chega a descobrir-se como tal. Quando Pedro é chamado a andar sobre a água, Jesus exclama: “ó homem de pouca fé (ó pequeno crente), porque duvida” (14.20-30)? Pedro é encontrado dormindo, juntamente com os outros discípulos no Getsêmani (26.37). Ele é escrito como alguém que deseja agradar os homens (22.8), que deseja saber quantas vezes devemos perdoar (18.21). Ele é ganancioso (19.27). Ele nega Jesus (26.33-5). Ele se apóia na força (cf Jo 18.10s). Pedro, neste sentido, representa a comunidade cristã porque com toda certeza representa nossa dúvida, temor, hesitação, calculismo, interesse pessoal, conformismo, e indisposição de nos identificarmos com o sofrimento, a vergonha e a morte. Somente Deus pode reerguer tal homem. Este homem era Pedro. E nós também somos assim. Contudo, para ele como para nós, são dadas as chaves do reino dos céus. (16.18). Neste sentido Pedro se torna um sinal para desvendar nosso próprio destino.

Para Mateus, os que “pertencem” são os marginalizados – os pobres, os que choram, os que são expulsos, os que não têm direitos. Os que pertencem são os que não apresentam nenhum sinal de pertinência. O Evangelho, resumidamente, encontra-se em 11.27-30 (“Vinde a mim todos os que sofreis e estais carregados, e eu vos aliviarei...”). Como disse Blair: “Tudo o mais é apenas comentário”.

Ao ler este Evangelho, caso formos atentos tanto à sua mensagem falada quanto não-falada, nossa tarefa torna-se clara. A inversão divina é representada em Israel, em Jesus e em seus discípulos – seus irmãos e irmãs. Esta inversão, esta reviravolta, deve acontecer a todas as pessoas. Tragam as pessoas à percepção de suas origens, de suas raízes, de sua verdadeira identidade, é o que o texto parece dizer. Ensinem-nas que ninguém de nós possui uma herança auto-fabricada, nem uma identidade privada. Ensinem todas as pessoas que os verdadeiros valores são conhecidos por seu valor para os outros e para Deus. Conheçam os que estão em necessidade. Reconheçam-nas, quaisquer que sejam, como irmãos e irmãs. E relacionem-se com eles como o fariam com o próprio Senhor. E daí então, acima de tudo, saibam que Deus (cujo nome está acima de qualquer nome) está presente, sempre, através de nosso irmão e Senhor, Jesus de Nazaré.